

## editorial

As mulheres continuam lutando e se mobilizando para mudar a conjuntura nacional e internacional. São tarefas importantes que incluem discussões sobre economia, política, saúde, violência sexista, auto-determinação e luta anti-globalização.

A campanha contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), sem sombra de dúvida, é uma das mais urgentes. No período de 5 a 12 de agosto ocorre a semana de mobilização contra a Alca. No dia 12 de agosto a Marcha Mundial das Mulheres estará nas ruas do país, denunciando os impactos da Alca em nossas vidas e as consequências econômicas e sociais deste tratado para as brasileiras e brasileiros.

A Argentina vai mal... E a situação do país vizinho afeta diretamente o cotidiano das mulheres, que têm tomado as ruas e estradas argentinas, fazem manifestações e enfrentam a polícia para lutar contra o desemprego, o bloqueio de depósitos bancários, a violência policial, a miséria que tomou conta da nação. O relato destes e outros fatos são feitos por Andréa D'Atri, nesta edição.

Ainda neste número temos a matéria sobre a reunião da Marcha Mundial das Mulheres, hormônios e conferência municipal de mulheres.

As Semprevivas



São várias as manifestações que exigem mudanças econômicas e políticas

## Mulheres argentinas em todas as frentes

por Andrea D'Atri

*"Em todos aqueles momentos em que se rompe a continuidade, quando aparecem as formas não programadas da história, as mulheres reagem bem, em muitas oportunidades, com uma presença que deixa de lado os compromissos domésticos."*<sup>1</sup>

Há alguns anos, uma mulher comentava sobre a luta da qual havia sido protagonista na década de 1970. Dizia: "nós éramos mulheres do lar, cuidávamos das crianças... não sabíamos nada de nada, mas era tanto o desespero que a gente apoiava..."

Agora, na Argentina, são muitas as mulheres que contam sua história com estas mesmas palavras. As "formas não programadas da história" apareceram em dezembro do ano passado em nosso país, e as mulheres de todos os setores exerceram seu protagonismo.

Mulheres pobres, mulheres poupadoras roubadas pelos bancos, advogadas, jovens estudantes, donas de casa e mulheres operárias estão nos fechamentos de estradas, nas assembleias, nas mobilizações e nas ocupações de fábricas que, nos últimos tempos, são os cartões postais da Argentina em crise.

Em 19 de dezembro do ano passado, muitas mulheres argentinas começamos o dia entre soluços. As imagens repetidas à exaustão pelos canais de televisão mostravam outras mulheres entrando nos supermercados em busca de comida.

A imprensa falava em saques; mas poucos deram nome e rosto para as sete mulheres assassinadas durante essas ações desesperadas de milhares de famintos que hoje habitam o país da carne e do trigo.

Não eram caras desconhecidas as destas mulheres. Há vários anos que bloqueiam as estradas com suas famílias sem emprego, se encarregam das cozinhas comunitárias e enfrentam a repressão do Estado. Na luta pelo pão e pelo trabalho digno, entregam suas forças, sua coragem e sua vontade.

Algumas, como Nina Peloso, do Movimento Independente de Aposentados e

continuação da capa

Desempregados, alcançam notoriedade por encabeçar a luta por liberdade para seu companheiro, Raúl Castells<sup>2</sup>.

Outras, centenas delas, seguem mobilizando-se, bloqueando rodovias e pontes no anonimato, sendo detidas e baleadas pelas forças repressivas, por um futuro que ainda se apresenta pouco alentador.

### Quando as panelas saíram da cozinha

As que em 19 de dezembro choraram de impotência em frente à televisão, vendo como suas irmãs eram obrigadas a perder a dignidade em troca de comida, não ficaram caladas.

Elas, que ainda têm comida e trabalho, mas perderam suas economias nas mãos dos inescrupulosos banqueiros ou perderam o medo e recuperaram a solidariedade, foram as primeiras a fazer soar as panelas quando – nessa mesma noite – o governo de De La Rúa pretendia instaurar estado de sítio.

Hoje, seguem reclamando nas portas dos bancos, nas assembléias dos bairros, nos Tribunais, em todas as partes.

Nestes longos e escassos seis meses aprenderam a se organizar junto a suas vizinhas para dizerem um basta à repressão, à corrupção e à mentira, e seguem gritando com criatividade e forças renovadas: *“Que não reste ninguém deste governo!”*

### Sob controle de operárias

Parece um equívoco sintático, mas não é. *Sob controle de operárias*, assim diz o cartaz que ainda está pregado na porta da fábrica Brukman Confecções. Suas operárias, acostumadas a fazer roupas, nos últimos meses também se acostumaram a decidir tudo em assembléias, a discutir com políticos e a falar em rádio e televisão, a administrar a fábrica e sonhar com o que não é uma utopia: a possibilidade de dirigir, da mesma maneira simples, o país.

Não são as únicas. Apesar do silêncio cúmplice das direções sindicais, alguns setores do movimento operário decidiram enfrentar, deste modo, o fechamento de fábricas que se multiplica.

Muitas empresas estão ocupadas ou foram transformadas em cooperativas. E a



Argentinas enfrentam a crise econômica e a violência da polícia nas manifestações

novidade neste processo é que as mulheres também são protagonistas.

Além das costureiras de Brukman, as funcionárias administrativas, faxineiras e enfermeiras de uma clínica decidiram abrir suas portas para atenuar as necessidades de saúde de um povoado cada vez mais empobrecido.<sup>3</sup> Outras trabalhadoras recuperaram uma panificadora à beira da falência e a transformaram em uma cooperativa.<sup>4</sup>

As operárias da multinacional Pepsico sofreram com a demissão de mais de cem companheiras contratadas. E, apesar da perseguição dos patrões, hoje seguem em pé de guerra defendendo seus delegados e exigindo a reincorporação.

As professoras foram protagonistas de importantes greves e mobilizações no último período. E agora, enquanto escrevo este artigo, quatro mulheres jornalistas estão acorrentadas em frente ao Congresso da Nação, em repúdio ao desrespeito às leis que regulam sua profissão.

As mulheres, na Argentina, *“reagiram bem”*, não resta dúvida. Levam em seus corações os exemplos das mães da Praça de Maio, das operárias anarquistas do início

do século, de Teresa Rodríguez<sup>5</sup>...

Enquanto isso, os enviados do FMI seguem ditando as leis de nosso país a partir de seus escritórios; a polícia, impunemente, assassina nossos filhos; a Corte Suprema de (In)justiça proíbe os métodos contraceptivos de emergência, mas não prende nenhum dos banqueiros que roubaram os depósitos da população.

E as mulheres seguem em pé de guerra, porque todas sentem o mesmo que confessou uma operária de Brukman: *“Descobri meu lado adormecido e, agora que está desperto, não penso em parar.”*<sup>6</sup>

Andrea D'Atri é psicóloga, membro do Centro de Profissionais pelos Direitos Humanos (Ce.Pro.D.H.), redatora do quinzenal *La Verdad Obrera* e colaboradora da Rede Informativa de Mulheres da Argentina (RIMA).

<sup>1</sup> Menapace, L.: *Economia política della diferenza sessuale*; s/r.

<sup>2</sup> Raúl Castells, dirigente do MIJD, se encontra detido por exigir alimentos da prefeitura de Lomas de Zamora (Pcia. de Bs.As.).

<sup>3</sup> Clínica Junín (Córdoba).

<sup>4</sup> Panificación 5, atualmente Cooperativa El Aguante (Pcia. de Bs.As.).

<sup>5</sup> Teresa Rodríguez foi uma das primeiras mártires das lutas dos desempregados e pobres do país. Durante o governo Menem, Teresa – que era empregada doméstica – foi assassinada pelas balas policiais que reprimiam uma manifestação.

<sup>6</sup> Entrevista a Celia Martínez.

## Fórum Social Temático Argentina

No dia 5 de julho, data em que ocorreu a reunião de presidentes do Mercosul em Buenos Aires, o Comitê Organizador Argentino e membros da Secretaria do Fórum Social Mundial (FSM) lançaram o Fórum Social Temático Argentina, que acontece de 22 a 24 de agosto deste ano. O evento pretende discutir e debater a crise que assola a vida das argentinas e argentinos.

A mesma crise, que será tema do evento, no entanto, está causando sérios problemas financeiros aos seus organizadores. Assim, foi lançada uma campanha de solidariedade ao FST Argentina: as organizações participantes do FSM que puderem fazer contribuições em dinheiro devem entrar em contato com o Comitê Organizador argentino ou com o Escritório do FSM, em São Paulo.

Comitê Organizador Argentina: [forosocialarg@wamani.apc.org](mailto:forosocialarg@wamani.apc.org)

Escritório FSM: [fsm2003@uol.com.br](mailto:fsm2003@uol.com.br)

## Salário mínimo e Alca na pauta da Marcha Mundial das Mulheres

por Nalu Faria



A Marcha Mundial das Mulheres se constituiu como uma das mais importantes articulações do movimento feminista nos últimos anos. No Brasil, juntou setores como o movimento autônomo de mulheres, movimento popular e sindical, rural e urbano; ampliou o debate econômico entre as mulheres e as levou para as ruas. Foi construída uma plataforma nacional, a “Carta das Mulheres Brasileiras”, que exige terra, trabalho, direitos sociais, auto-determinação das mulheres e soberania do país.

Após a primeira fase de articulação da Marcha, em 2000, as brasileiras definiram três temas como prioritários para o seu seguimento: aumento do salário mínimo; o direito à saúde pública e o atendimento à saúde da mulher; e a luta contra a violência sexista com destaque para a impunidade.

Reunidas nos dias 29 e 30 de julho, em São Paulo, as mulheres da Marcha deram continuidade aos debates destes temas e iniciaram a preparação do lançamento, em 17 de outubro, da campanha pelo aumento do salário mínimo. Esta campanha deverá ser encaminhada nacionalmente durante todo o ano de

2003, mas temas como saúde e violência continuarão a ser eixos importantes para a Marcha, pontos de atuação e apresentação de propostas.

### Mínimo como distribuição de renda

No Brasil, 86% das brasileiras que compõem a PEA (População Economicamente Ativa) recebem até dois salários mínimos. O valor do salário mínimo (SM) é referência não só para quem o recebe e tem carteira assinada, mas para as trabalhadoras e trabalhadores sem carteira.

O governo FHC prometeu dobrar o valor do salário mínimo em sua gestão. No primeiro ano de mandato concedeu um reajuste significativo que depois foi se perdendo em reajustes anuais medíocres. O SM brasileiro vale hoje R\$ 200,00 e o valor calculado pelo Dieese, em julho de 2002, era de R\$ 1.154,63. Esse número foi alcançado considerando as necessidades previstas na Constituição para uma família de quatro pessoas em que só uma receba salário.

Buscando outras formas de cálculos, que não tratassem o SM como um salário família, mas como uma medida de distribuição de renda, a Marcha está discu-

tindo a proposta de um SM de R\$ 500,00, equivalente a cerca de 60% do Produto Interno Bruto (PIB), para evitar a perda de seu valor real e associa-lo ao crescimento econômico com distribuição de renda.

Esta campanha avança no combate à pobreza e distribuição de renda, e por isso se insere na luta por uma outra política econômica e um outro modelo de desenvolvimento, que seja ecologicamente sustentável e centrado na melhoria das condições de vida da maioria da população brasileira.

### Luta pela soberania nacional

Outro ponto de pauta da reunião da Marcha foi a Campanha Nacional contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), pois as mulheres que integram a Marcha têm atuado na luta contra a proposta imperialista de anexação e subordinação.

Além de participar ativamente da campanha brasileira contra a Alca, tem sido realizadas oficinas com as mulheres que destacam os impactos deste tratado em suas vidas, destacando: a perda de direitos trabalhistas e a expansão do modelo das *maquilladoras*; a privatização de serviços como água, educação e saúde; o patenteamento de plantas medicinais e técnicas tradicionais de artesanato; e a mercantilização do corpo das mulheres na busca por dólares via o turismo sexual.

Para apresentar todas essas questões para a população em geral, no dia 12 de agosto – data escolhida como forma de lembrar o assassinato da líder rural Margarida Maria Alves, morta em 12 de agosto de 1983 – as mulheres da Marcha Mundial prepararam, em todo o país, atos de protestos, feiras de informação, debates e caminhadas.

Estes eventos também servirão como mobilização para a votação no plebiscito sobre a Alca, marcado para ocorrer de 1º a 7 de setembro.

Na página eletrônica da Marcha Mundial das Mulheres ([www.sof.org.br/marchamulheres](http://www.sof.org.br/marchamulheres)) estarão sendo disponibilizadas todas as informações sobre as manifestações e eventos programados.

## Reposição hormonal apresenta risco de câncer

Como alertamos no *Boletim Mulher e Saúde* (edição 28), hormônios na menopausa são um risco enorme para a saúde das mulheres. Em julho, todos os meios de comunicação informaram com destaque os riscos desta terapia. Mas há mais de três anos estudos mostravam o esses riscos. Agora, uma pesquisa mais recente acabou de confirmar: os hormônios aumentam o risco de câncer do seio, ataque do coração, derrame, embolia pulmonar e trombose.

Os pesquisadores teriam determinado que os riscos em longo prazo do tratamento superam os benefícios para as mulheres que ainda possuem útero. A pesquisa, chamada 'Iniciativa para a Saúde da Mulher', foi o maior estudo de comparação dos efeitos do uso de hormônios.

Os médicos recomendam o tratamento de reposição hormonal como for-

ma de prevenir algumas doenças crônicas, como osteoporose e problemas cardíacos. Cerca de seis milhões de mulheres americanas usam a combinação hormonal para aliviar os sintomas da menopausa. O estudo americano mostrou que a terapia diminuiu os riscos de fraturas no quadril, mas o risco da ocorrência de outras doenças aumentou tanto que se concluiu que o tratamento não compensava. Alguns institutos de saúde informaram que o uso do estrogênio e progesterona durante todo o ano aumenta o risco de uma mulher saudável sofrer um derrame em 41%, de ter um ataque cardíaco em 29% e de desenvolver um câncer de mama em 24%.

Nas edições passadas do *Mulher e Saúde* de nossas leitoras podem encontrar o que pesquisamos sobre a menopausa e hábitos saudáveis que têm ótimo efeito para melhorar a saúde e a qualidade de vida.

## o que rola

### Cidade de São Paulo realizará Conferência de Mulheres



"Uma São Paulo com mais igualdade, participação e direitos para as mulheres" é o tema da 1ª Conferência Municipal de Mulheres de São Paulo. O evento será realizado nos dias 30 e 31 de agosto, no Anhembi.

Organizada pela Coordenadoria Especial da Mulher, a Conferência tem o objetivo de ampliar a participação fe-

minina paulistana na discussão das políticas públicas para as mulheres e incentivar uma maior articulação entre o movimento popular, de mulheres e as diversas áreas da administração pública.

Durante o período que antecede a Conferência serão realizados encontros preparatórios em todas as regiões da cidade. Esses encontros serão organizados pelos governos locais e entidades do movimento de mulheres.

Para organizar, acompanhar e coordenar o trabalho das reuniões preparatórias e da Conferência Municipal foi constituído um grupo consultivo formado por representantes do movimento de mulheres e do governo municipal.

Informações podem ser obtidas pelo telefone (11)3315-9077 ramal 2290.

# folhafeminista

nº 36 julho de 2002 ISSN 1516-8042

#### CONSELHO EDITORIAL

Andréa Butto, Francisca Rocicleide da Silva (Roci), Helena Bonumá, Ivete Garcia, Márcia Camargo, Maria Amélia de Almeida Teles (Amelinha), Maria Ednalva Bezerra de Lima, Maria Emília Lisboa Pacheco, Maria de Fátima da Costa, Maria Otília Bocchini, Martha de la Fuente, Mary Garcia Castro, Matilde Ribeiro, Raimunda Celestino Macena e Tatau Godinho.

A folha feminista, ISSN 1516-8042, é um boletim da SOF na luta feminista. Este número tem apoio financeiro da ICCO.

#### EQUIPE EDITORIAL

**Diretora Responsável:** Nalu Faria  
**Editora:** Fernanda Estima (Mtb 25.075)  
**Projeto Gráfico:** Alexandre Bessa  
**Diagramação:** Márcia Helena Ramos  
**Fotolito:** Input  
**Impressão:** RWC Artes Gráficas  
**Tiragem:** 1.500 exemplares  
**Número avulso:** R\$1,50



SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA

**Assinatura anual (10 números):** R\$15,00

Rua Ministro Costa e Silva, 36, Pinheiros  
 05417-080 - São Paulo / SP

Tel/fax: 3819-3876

Correio Eletrônico: [sof@sof.org.br](mailto:sof@sof.org.br)

Página na internet:

<http://www.sof.org.br>

## próximos números

- EXPLORAÇÃO SEXUAL E TRÁFICO DE MULHERES
- AS MULHERES E A LUTA ANTI-GLOBALIZAÇÃO